

QUATRO BIBLIOTECAS PÚBLICAS NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO

Prof^a Dr^a Eliane Serrão Alves Mey¹, Prof. Dr. Sidney Barbosa², Adriana Souza Arcaide (Araraquara)³, Nerivanha Maria de Lima (São Carlos), Simone Michelin Iost (Rio Claro) e Tiago Aparecido Rodrigues (Ibaté)

1. Introdução

O presente trabalho busca levantar a história e a situação atual de quatro bibliotecas públicas no interior do Estado de São Paulo, a saber, as dos municípios de Araraquara, Ibaté, Rio Claro e São Carlos, com a intenção de não apenas realizar um diagnóstico da situação de funcionamento dessas instituições, mas de tentar encontrar um denominador comum às quatro bibliotecas. Realizado como atividade da disciplina *Tópicos Especiais sobre Leitura para Biblioteconomia e Ciência da Informação*, oferecida pelo Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos, baseou-se nos conteúdos teóricos veiculados na disciplina e no levantamento de campo, efetuado pelos alunos. Isso ocorreu por meio de entrevistas estruturadas, respondidas tanto pelos responsáveis das referidas bibliotecas, como por pessoa ou pessoas conhecedoras da história da biblioteca. Houve também busca a documentos históricos das respectivas cidades. A realização do trabalho levou a algumas descobertas interessantíssimas, bem como a outras constatações menos felizes, adiante relatadas.

Como ponto de partida e fundamentação teórica para a abordagem metodológica, Moraes (1979) e Suaiden (1995) forneceram elementos básicos, tanto à história das bibliotecas quanto aos papéis a desempenhar por uma biblioteca pública. Gomes (1983), em sua dissertação de Mestrado sobre bibliotecas na Primeira República, dá-nos uma visão, encontrada na literatura à época, dos problemas enfrentados pelos países em desenvolvimento no tocante à educação e às bibliotecas. Gomes afirma que um exame da conjuntura econômica, social e política daquelas sociedades demonstra a falta de condições favoráveis ao desenvolvimento da educação formal.

A verdade para a Primeira República (1889-1930) o é também hoje. Interessante notar o grande número de bibliotecas fundadas nas décadas de 1940 e 1970, no auge de períodos ditatoriais de Getúlio Vargas e dos militares. Em 1937, a ditadura Vargas criou o Instituto Nacional do Livro (INL). Em 1967, no período da ditadura militar, devido

¹ Docente do Curso de Biblioteconomia da UFSCar. Membro do Grupo de Pesquisa Interinstitucional "História da Leitura, do Livro e das Bibliotecas". Departamento de Ciência da Informação. Rod. Washington Luís, km. 235 – 13.565-905 – São Carlos (SP)

² Docente do Curso de Letras da UNESP, *campus* de Araraquara. Coordenador do Grupo de Pesquisa Interinstitucional "História da Leitura, do Livro e das Bibliotecas". Departamento de Letras Modernas. Rod. Araraquara-Jaú, km 1, 14.800-901 Araraquara (SP).

³ Alunos do Curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar, na disciplina "Tópicos Especiais sobre Leitura", ministrada, no primeiro semestre de 2006, pela Prof^a. Dr^a. Eliane Mey.

ao acordo MEC/USAID, criou-se a COLTED (Comissão Organizadora do Livro Técnico e Didático), paralelamente ao INL, e impulsionou-se também a criação e o desenvolvimento de bibliotecas públicas, em aparente contradição com o sentido libertador das bibliotecas. Funcionariam tais instituições simplesmente como aparelhos ideológicos do Estado?

Moraes (1979), bem como diversos outros historiadores, indicam o ano de 1811 como o de fundação da primeira biblioteca pública do país, a de Salvador. A criação da Biblioteca Pública da Bahia correspondeu a um período de marcante influência francesa e da entrada de idéias iluministas no país.

O Estado de São Paulo, embora tenha iniciado seu povoamento ainda no século XVI, só conhecerá maior desenvolvimento econômico e, conseqüentemente, educacional e cultural, no século XIX, período ao qual corresponde, segundo Castro (2000), a primeira Biblioteca Pública Oficial de São Paulo, datada de 1825: *funcionando a princípio no Convento dos Franciscanos, em 1827 é incorporada à Faculdade de Direito*. A primeira biblioteca municipal paulista que mantém seus propósitos iniciais torna-se, assim, a de Rio Claro.

2. O Gabinete de Leitura Rio-Clarense (Rio Claro, 1876)

A idéia de se fundar um local onde os moradores de Rio Claro pudessem ler e estudar, uma biblioteca, nasceu num encontro entre escritores, advogados, vereadores, médicos e um padre da cidade de Rio Claro no dia 25 de maio de 1876, na casa do senhor Antonio Gonçalves Amorim, e, três dias depois, foi formada a primeira diretoria.

Sem um imóvel próprio, o Gabinete de Leitura permaneceu instalado na antiga Rua do Comércio (atual Avenida Um) até o dia 11 de maio de 1890, quando foi inaugurada a sede definitiva em prédio próprio (usado até hoje), na Avenida Quatro, antiga Rua Aurora. O novo prédio foi construído com dois pavimentos: um com salão nobre para festas literárias, conferências e aulas; e o outro com espaço para a biblioteca.

Toda a população de Rio Claro tinha acesso ao Gabinete, porém, era necessário ser sócio para poder levar os livros para ler em casa. Os associados optavam em pagar a adesão e mensalidades fixas, para serem sócios contribuintes, ou pagarem uma taxa maior (não inferior a 200 mil réis) e serem sócios remidos.

Como todas as bibliotecas, o Gabinete teve seus momentos de tormentas e quase desativação. Na década de 30, devido às revoluções e ao golpe, os sócios e diretores remanescentes decidiram entregar a instituição aos cuidados da Prefeitura Municipal. Esta, por descaso, transformou o Gabinete em setor de distribuição de alimentos e sede do Tiro de Guerra, o que resultou na quase completa destruição do antigo acervo literário, uma vez que parte das coleções de jornais e vários livros foram vendidos como papel velho!

Em meados de 1940, um sócio remanescente constatou que a transferência legal não havia sido efetuada e reivindicou, juridicamente, a posse do Gabinete para os

sócios, antigos proprietários. Após a decisão judicial favorável e a retomada da instituição, iniciou-se a reorganização da instituição.

Em 1973 foi necessária a ampliação do horário de atendimento e do acervo. Foi então firmado um convênio com a Prefeitura Municipal para a implantação da Pinacoteca e a transformação do Gabinete em Biblioteca Pública Municipal.

De 1876, ainda se guarda um exemplar do “Dom Quixote de La Mancha”, editado em Portugal e traduzido por Castilho, entre outros quatro mil volumes de obras raras. No livro de visitantes, algumas assinaturas ilustres: duas de Dom Pedro II, uma em 1878 e outra em 1886 (anos de suas visitas à cidade) e a de Camilo Castelo Branco, em 1890. Isto constitui até hoje um enigma a ser decifrado: seria possível o autor português ter visitado Rio Claro no ano de seu falecimento?

Atualmente, são 35.157 exemplares cadastrados, representando literatura variada, literatura infantil, obras didáticas e para-didáticas. Os livros infantis possuem espaço especial no pavimento inferior, bem como área externa com banheiros e *playground*; o pavimento superior é reservado para os livros e mesas utilizados nas pesquisas escolares. São cerca de 160 consultas/visitas e média de 250 empréstimos por dia.

Trata-se, assim, de um exemplo raro no país em que uma instituição cultural, de visível utilidade pública, permanece em atividade por mais de um século, mantendo-se, apesar dos percalços, atingindo os seus objetivos e atendendo, de maneira concreta e objetiva, aos usuários de uma cidade média interiorana. É um feito cultural digno de destaque e de registro.

3. A Biblioteca Pública Amadeu Amaral (São Carlos, 1938 e 1973)

A Biblioteca Pública Municipal Amadeu Amaral teve seu início em 1938 ou 1939. Nesta época, recebia do Instituto Nacional do Livro (INL), regularmente, remessas constantes de livros, que aos poucos constituíram seu acervo. Neste período, usou-se uma das salas da Prefeitura Municipal como o espaço físico para a biblioteca, pois, então, já havia usuários que efetuavam empréstimos.

O município de São Carlos, conhecido como a “Princesa do Oeste”, desde a sua fundação, em 1857, marcou-se por imenso e, sobretudo, rápido desenvolvimento econômico e populacional, graças à interiorização das plantações de café. Sucedeu-se, entre 1934 e 1950, um processo regressivo no setor agrícola. A cidade movia-se pela economia cafeeira, em declínio havia vinte anos, quando os efeitos negativos da crise prejudicavam a todos. Ao longo desse período, é notável o número de campanhas desenvolvidas com o objetivo de projetar a cidade no cenário estadual. Talvez um dos elementos contribuidores de tais campanhas seja a inevitável criação de uma biblioteca pública.

Com o surgimento e o crescimento de um centro urbano, ocorre a necessidade de se aprimorar a educação, principalmente em uma cidade como São Carlos, que, na

época, buscava a estabilidade e a prosperidade. Então se acreditava que a leitura poderia colaborar com a obtenção desses objetivos.

Em 1937, Getúlio Vargas havia instalado no país uma ditadura, semelhante às demais ditaduras existentes, à época, na América do Sul e em outras partes pobres do mundo, sob influxo nazi-fascista. Repressão era palavra de ordem. O Estado Novo fechou o Congresso, impôs a censura à imprensa, extinguiu partidos políticos, prendeu líderes políticos e sindicais. Em aparente contradição, ao mesmo tempo em que instalava a ditadura, contra uma pseudo-conspiração comunista, Vargas criou o Instituto Nacional do Livro (INL), em dezembro de 1937, de modo a viabilizar o crescimento das edições nacionais e promover a melhoria cultural do povo, inclusive estimulando a criação de bibliotecas. O INL enviava aos municípios suas edições, para alocação em bibliotecas públicas ou gabinetes de leitura. A remessa de livros editados pelo governo permitia o controle sobre a leitura. O acúmulo de volumes levou ao surgimento de inúmeras bibliotecas públicas no período. Isto caracteriza singularmente a criação dessas bibliotecas, que nasciam mais de um desejo político autoritário do que de uma verdadeira preocupação com a cultura das pessoas.

A cidade de São Carlos, assim como acontecia com outros municípios da região, recebia também constantes doações do INL. Os livros eram armazenados em uma sala da Prefeitura, que desde então já ia atendendo a usuários e efetuando empréstimos. O espaço cada vez mais escasso, conseqüentemente, levou, em abril de 1942, à transferência da Biblioteca para os fundos do Paço Municipal, em sala tão inadequada ao uso quanto a anterior. A Biblioteca recebeu o nome de “Amadeu Amaral”, para homenagear o grande poeta e jornalista, ocupante da cadeira 15 da Academia Brasileira de Letras, e que residiu em São Carlos durante muitos anos. A inauguração repercutiu imensamente na cidade, pois muitas figuras ilustres “abrilhantaram” as comemorações, que duraram três dias, como relata um jornal da época.

A Escola de Biblioteconomia de São Carlos, fundada em 1959, obteve muito êxito durante sua existência, formando cerca de mil bibliotecários até sua incorporação à UFSCar, ocorrida em 1994. Esses graduados, reconhecidamente de grande qualificação, muito lutaram pela contratação de profissionais bibliotecários para a Biblioteca Amadeu Amaral. No entanto, infelizmente, apenas quando de sua criação oficial, por meio de Lei Municipal, de 27 de Novembro de 1973, ou seja, trinta e um anos após sua fundação, a Biblioteca Pública passou a dispor, em seu quadro de funcionários, de profissionais adequados e direcionados à administração e à gestão de bibliotecas, ou seja, de bibliotecários, ou biblioteconomistas. Esse fato demonstra visível desinteresse das autoridades com referência a sua mais importante biblioteca.

A biblioteca pública são-carlense, em toda sua trajetória, nunca ocupou um prédio próprio, projetado especificamente para esse fim. Por esse motivo, houve inúmeros deslocamentos, muito embora para locais sempre inadequados a seu bom desempenho.

Atualmente, ocupa também um prédio adaptado, que foi originalmente projetado para ser uma casa de cultura. Por um lado, está bem localizado na região central da cidade, o que é importante para seu uso pela população, ou seja, todos têm acesso fácil, além de possuir uma ótima iluminação natural. Por outro, o excessivo barulho causado pelo fluxo de veículos do centro da cidade é perturbador. O maior contratempo que os usuários encontram são as escadas, pois a biblioteca se divide em três níveis, ficando o setor de processamento técnico no nível térreo; o setor de referência, obras de referência e obras gerais no segundo piso; e, no piso subterrâneo, localiza-se o acervo infantil, sala de periódicos e a sala verde (obras sobre meio ambiente).

Nota-se, portanto, que a Biblioteca Pública Municipal de São Carlos, cidade tida como pólo cultural e universitário, foi criada muito mais por decisões de ordem externa à cultura e ao livro - no caso, o governo ditatorial do país que remetia livros para as municipalidades - do que por vontade política de sua classe diretiva local. As provas disso são a constante falta de um local adequado para sua instalação, as mudanças, a ausência de uma política de ampliação de acervo e o descaso com que foi historicamente tratada a questão do pessoal técnico, principalmente, os bibliotecários, que inexistiram, durante muitos anos, na instituição. Atualmente a Biblioteca se encontra em nova fase transicional.

4. A Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade (Araraquara, 1942)

A “Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade”, situada no município de Araraquara, foi criada através do Decreto-lei nº 49, de 23 de outubro de 1942. A criação foi resultado de esforços do prefeito *Dr. Camilo Gavião de Souza Neves* e do próprio escritor *Mário de Andrade*, que sempre visitava familiares nas férias de dezembro, dentre eles seu parente, o filólogo *Pio Lourenço Correa*.

Por algum tempo, Mário manteve contato por correspondência com o Dr. Camilo e intermediou junto ao Departamento das Municipalidades (órgão estadual), a fim de garantir a autorização e o funcionamento de uma Biblioteca Pública em Araraquara.

O município de Araraquara, naquela época, encontrava-se em um contexto de redefinição das atividades econômicas regionais, devido ao fim da hegemonia da cultura cafeeira. Os cafezais estavam sendo erradicados e ocorria a expansão do cultivo do algodão, da cana-de-açúcar e de gêneros alimentícios. A partir de 1960, a cidade passa a ser um centro comercial e de serviços, além de firmar-se como um dos principais núcleos nacionais da agroindústria sucroalcooleira e citrícola. Araraquara começa a ser conhecida por seu parque industrial em ascensão e pelos setores de mecânica, metalurgia, têxtil, alimentício, bebidas e implementos agrícolas. Torna-se também uma cidade de importância universitária no cenário nacional, com a sua Faculdade de Odontologia, a de Farmácia, a de Química e a de Filosofia, Ciências e Letras, que foram unidas, em meados dos anos 1970, quando da criação da UNESP, em um *campus* daquela universidade. Possui também, nesse sentido, importantes

centros privados de formação universitária. Atualmente, Araraquara possui uma população estimada em 197.039 habitantes e vive em um contexto de modernidade

Os primeiros livros do acervo vieram de doações da comunidade (desde 1939, antes mesmo da existência da Biblioteca) e de Mário de Andrade em 1943, com 600 exemplares de sua coleção particular. O nome *Mário de Andrade* foi dado à Biblioteca através do Decreto-lei nº 24, de 19 de julho de 1945, em homenagem ao escritor, que foi o principal incentivador da criação da Biblioteca e doador dos seus primeiros livros, alguns inclusive com dedicatória. A Biblioteca de Araraquara foi a primeira do Estado a receber o nome do escritor Mário de Andrade.

As atividades da Biblioteca tiveram início em 02 de agosto de 1943, em uma sala do Palacete São Bento, hoje Câmara Municipal, local onde permaneceu até 1956, ano em que foi transferida para um casarão tido como assombrado, localizado à Rua Padre Duarte no 1792, local de permanência até 1976, quando foi, finalmente, transferida para o seu prédio próprio à rua Itália, onde se encontra muito bem instalada.

Já a *Biblioteca Municipal Infantil Monteiro Lobato*, pertencente à Biblioteca Mário de Andrade, acha-se em um prédio a esta acoplado, e ambas se interligam por um único sistema informatizado. Foi criada em 19 de abril de 1951 e funcionou por cinco anos junto à Biblioteca Mário de Andrade, em uma sala do Palacete São Bento. A denominação *Monteiro Lobato* foi alcançada em 16 de outubro de 1957 e o funcionamento em prédio próprio, com 205 m², teve início em 24 de outubro de 1977. Possui um acervo de 11.650 volumes, constituído por gibis, livros, brinquedos pedagógicos, fitas cassete e discos de histórias. Ambas as Bibliotecas foram informatizadas em 1999.

Em 24 de julho de 1976 foi inaugurado o novo prédio da “Biblioteca Pública Municipal Mário de Andrade”, projetado pelo arquiteto *Arnaldo G. Palamone Lepre*, com 2.772 m² de área construída. Atualmente a biblioteca possui 60.000 usuários e um acervo constituído por cerca de 58.000 livros. Dentre eles, 5.388 pertencem à coleção particular do araraquarense *Dorival Alves*, doada pelos filhos à Biblioteca em 21 de dezembro de 2000. A Biblioteca possui a *Sala Pio Lourenço Corrêa*, espaço que abriga a biblioteca particular do filólogo, doada por sua esposa em julho de 1957. Esse acervo se constitui de inúmeras obras raras, especialmente livros de Mário de Andrade em primeira edição, com dedicatória a seu parente Pio; obras sobre Literatura e Línguas Portuguesa e Brasileira; primeiros livros doados à Biblioteca por Mário de Andrade; a “Monografia da palavra Araraquara”, escrita por Pio Lourenço Corrêa, e a mesa em que Mário rascunhou sua famosa obra *Macunaíma*, enquanto passava as férias de dezembro de 1926, em Araraquara, na chácara onde morava seu tio. Devido ao rico material sobre Mário de Andrade existente na sala *Pio Lourenço Corrêa*, alguns estudiosos e especialistas da vida e da obra de Mário visitam periodicamente a sala para a realização de suas pesquisas.

A Biblioteca possui ainda a *Sala de Artes “Lafayette Carvalho de Toledo”*, constituída pela coleção particular sobre artes, doada pelo próprio professor Lafayette em 15 de abril de 1988. O acervo compreende obras raras e preciosas sobre artes plásticas e história da arte. Por outro lado, a *Sala de Áudio-visual “Dr. Seth-Hur Cardoso”*, que foi inaugurada em 12 de dezembro de 1993, abriga um acervo especial constituído por: *slides* e fitas cassetes contendo depoimentos de cidadãos sobre o cotidiano da cidade, parte do “Projeto Memória”, levado a efeito pela Secretaria Municipal de Cultura.

A biblioteca Municipal “Mário de Andrade” proporciona periodicamente ao público vários cursos de formação cultural, alguns deles voltados para a juventude, especialmente aos alunos do ensino médio que se estão preparando para o vestibular, além de conferências voltadas à população em geral sobre temas culturais e exposições temporárias sobre assuntos e artistas regionais, bem como de interesse geral.

Dessa maneira, a biblioteca destaca-se junto à população, no conjunto das políticas públicas municipais referentes à cultura, como a ocorrência de um raro exemplo de sucesso de biblioteca. Ela atinge seus objetivos, apresentando-se como um organismo vivo na vida cultural da cidade, independentemente da cor política predominante, por exemplo, pelos ocupantes da Prefeitura Municipal. Ela se constitui, na contemporaneidade interiorana, em exemplo de sucesso e de prestação de bons serviços à população, embora também tenha encontrado muitas dificuldades em sua trajetória.

5. A Biblioteca Pública Municipal Comendador Nello Morganti (Ibaté, 1967)

A criação da Biblioteca Pública Municipal Comendador Nello Morganti, da cidade de Ibaté, foi sancionada pela Lei municipal nº 341, de 22 de março de 1967, na gestão do prefeito Nelson Rodrigues. A Biblioteca proporciona à população ibateense uma fonte de acesso às informações de valor inestimável, atingindo todas as camadas sociais e promovendo, assim, o desenvolvimento intelectual e cultural dos munícipes. O nome da biblioteca foi escolhido somente no ano de 1974, no dia 18 de junho, homenageando o Comendador Nello Morganti, bem sucedido industrial ibateense. Proprietário da Usina da Serra, é considerado um dos mais ilustres cidadãos do município, conhecido em toda cidade por suas obras e gestos de benemerência, tendo, inclusive, realizado doação em pecúnia para a instalação da biblioteca.

A região de Ibaté começou a ser povoada, no final do século XIX, após a fundação de São Carlos, impulsionada pelo desenvolvimento da cultura cafeeira em algumas fazendas localizadas junto à estrada de ferro que ligava Rio Claro a São Carlos. No ano de 1893, no dia 29 de janeiro, em terras de sesmarias, foi fundada a povoação de São João Batista da Lagoa, situada nas proximidades da estação de Visconde do Pinhal, que havia sido instalada no dia 18 de janeiro de 1855. A fundação do povoado de São João Batista da Lagoa foi iniciativa do tenente-coronel João

Evangelista de Toledo e de seus genros, Cândido Porto e o Capitão Cândido Tripeno. Em 24 de outubro de 1900, o povoado tornou-se distrito de São Carlos, com uma economia fundamentada no cultivo de café em grandes fazendas. Essas contaram, fundamentalmente, com a mão-de-obra dos imigrantes europeus, que caracterizam os seus primeiros tempos. Pouco depois da fundação do distrito, surgiu a primeira capela da cidade, a de São Benedito, e em 1901 iniciou-se a construção da Igreja Matriz João Evangelista, padroeiro da cidade, localizada na Rua Santa Iria, defronte à praça central. Ela foi concluída em 19 de abril de 1906. Somente em 1953 o distrito foi elevado à categoria de município, pela Lei nº 2.456, de 30 de dezembro, tornando-se cidade independente de São Carlos.

Segundo o IBGE (2005), Ibaté hoje possui aproximadamente 31.245 habitantes, ocupando a extensão territorial de 290 km² e uma economia atuante no setor primário. Sua economia depende primordialmente da produção sucroalcooleira e da safra da cana-de-açúcar. A presença de nordestinos em Ibaté é elevada, pois o fim da hegemonia cafeeira e a ascensão da cultura da cana-de-açúcar fizeram de Ibaté uma das pequenas “cidades dormitórios”, seja para os trabalhadores das agroindústrias da região, seja pelos migrantes nordestinos atraídos pela oferta temporária de trabalho no interior do Sudeste do país.

Atualmente, a Biblioteca Pública Municipal Comendador Nello Morganti situa-se na Avenida São João, nº 1188, no centro do município de Ibaté, funcionando de segunda a sexta-feira, das 08h às 18h. Inicialmente, a biblioteca era localizada na Rua Santa Iria nº 500, mas devido ao crescimento do acervo, a biblioteca mudou-se duas vezes até chegar ao endereço atual, alugado pela Prefeitura Municipal. Porém, existe um projeto de construção de um prédio próprio para a biblioteca até o final da gestão do atual prefeito, José Luiz Parella, que ocorrerá no final de 2008.

Os processos de catalogação, tombamento, controle de empréstimos, devolução de livros e revistas, material pesquisado no local, cadastramento e frequência de usuários são ainda manuais. Entretanto, segundo a bibliotecária-chefe da instituição, a biblioteca iniciará brevemente o processo de informatização e o desenvolvimento de um banco de dados, reunindo informações sobre os materiais existentes na biblioteca e sobre seus usuários.

A Biblioteca Pública Municipal Comendador Nello Morganti possui 5.722 usuários cadastrados, ativos e não ativos, distribuídos em diversos bairros da cidade, mas a concentração maior está na região central, certamente pela facilidade de acesso à biblioteca. O corpo de funcionários da organização é composto por seis pessoas no total, sendo um servente, quatro auxiliares de biblioteca e uma bibliotecária.

O acervo possui um total de 16.563 documentos, com registros de informação distribuídos em diversos suportes (livros: 13.619 exemplares; revistas: 2.400 fascículos). O restante é composto de materiais como CDs, fitas cassete, fitas de vídeo, entre outros. A frequência diária de usuários constitui-se de uma média de 90 pessoas,

que realizam empréstimos e consultas locais. No acervo predominam os livros didáticos, seguidos de perto por obras de literatura infantil. Infelizmente, a Biblioteca Pública Municipal Comendador Nello Morganti não possui verbas especificamente destinadas à aquisição e ao desenvolvimento das coleções, dependendo exclusivamente de doações para expandir seu acervo. A atual gestão municipal adquiriu, para a biblioteca, alguns títulos de literatura infantil e uma edição completa da Enciclopédia Barsa.

Não existem ainda computadores com acesso à Internet, destinados aos usuários, porém a biblioteca acaba de se cadastrar no projeto “Acessa São Paulo” e está aguardando a liberação e o envio dos equipamentos prometidos.

A Biblioteca Pública Municipal Comendador Nello Morganti realiza atividades culturais muito diversificadas, acompanhando datas comemorativas municipais, estaduais e nacionais, distribuídas durante todos os meses do ano. Destacam-se as atividades realizadas no mês de junho de 2005, mês em que se comemorou o aniversário de 112 anos da fundação do município de Ibaté. Nessa ocasião, realizou-se na Escola Vera Helena Trinta Pulcinelli a “Contaçon de Histórias”, organizada pelo Centro de Divulgação Científica e Cultural (CDCC) de São Carlos, com a contadora de histórias Naira Christofoletti Silveira, do “Projeto Biblioteca da USP de São Carlos”, com a participação de 450 crianças.

Embora atue pró-ativamente para toda a sociedade ibateense, a Biblioteca Pública Municipal encontra-se limitada em parte do seu potencial, por carência de subsídios governamentais e inclusão no Orçamento do Município. A biblioteca deixa, assim, de realizar atividades e utilizar ferramentas que proporcionariam um maior desenvolvimento em seus serviços, como desejado por seus funcionários: estudo de seus usuários; adaptação e acesso facilitado à biblioteca para pessoas com necessidades especiais; extensão de suas atividades até áreas remotas da cidade, como asilos e hospitais.

Tem-se aí o caso de uma biblioteca que enfrenta muitos problemas não somente na sua trajetória, mas presentemente, sobretudo, no que se refere às subvenções para a completude dos serviços prestados e pela ausência de previsão para a manutenção e a ampliação do acervo, equiparando-se, nesse sentido, com inúmeras bibliotecas desse país, em quaisquer latitudes: a transformação das bibliotecas municipais em substitutas das bibliotecas escolares e em certo descaso por parte das autoridades para com as suas demandas e necessidades.

6. Conclusão

Pode-se perceber, no apanhado acima, que a criação das bibliotecas deu-se ou por influência do governo federal ou por vontade das elites locais, intelectuais ou governamentais. A pressão do governo federal veio por meio de ação externa na época da ditadura Vargas, mas também na década de 1970 por meio do acordo MEC/USAID. Duas delas, apenas, se deveram a iniciativas de parcelas da elite da comunidade.

Para o desenvolvimento deste trabalho, deparamo-nos com algumas dificuldades. As principais foram a inexistência de material sobre as bibliotecas ou a dificuldade em localizá-lo. Dependeu-se muito da boa vontade das pessoas e do registro de história oral obtida nas entrevistas.

Das quatro bibliotecas pesquisadas, três delas possuem bibliotecários formados. Uma única, devido talvez aos baixos salários oferecidos pelo município, conta apenas com voluntários e funcionários com formação de ensino médio. De todas elas, uma única apresenta funções de uma biblioteca pública: atende à comunidade e, ao mesmo tempo, preserva a memória local. As restantes dependem mais do esforço e do engajamento de seu pessoal do que da iniciativa dos governos municipais. Porém, de toda maneira, acham-se distantes das condições exigidas para o bom funcionamento de uma biblioteca pública. O surpreendente foi encontrar acervos riquíssimos, tanto em sua história, como em conteúdo e quantidade. Nota-se que todas as bibliotecas são recuperáveis e podem progredir. Isto significa que há esperança, desde que, paralelamente à vontade política das autoridades, melhorando as condições objetivas dessas bibliotecas, alie-se o interesse das comunidades, que poderiam exigir essas melhorias.

Uma biblioteca precisa ser surpreendente: organizada, tecnológica, diversificada, informativa, inovadora, atrativa e contar com pessoal qualificado para atender aos usuários. Para fazer uma biblioteca pública municipal funcionar e evoluir, não basta apenas haver doação de livros por parte das comunidades, mas também as prefeituras manterem adequadamente seus funcionários. É necessário também investir nessa evolução, acreditar nisso e reivindicar com a certeza de que poderemos, mais cedo ou mais tarde, ser atendidos.

7. Referências

- CASTRO, César. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000.
 GOMES, Sônia de Conti. **Bibliotecas e sociedade na Primeira República**. São Paulo: Pioneira /Instituto Nacional do Livro, 1983.
 MORAES, Rubens Borba de. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. São Paulo: Livros Técnicos e Científicos, 1979. (Biblioteca universitária de literatura brasileira. Série A, Ensaio, crítica, história literária; 6)
 SUAIKEN, E. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

7.1 Referências para Rio Claro

- FERRAZ, J. Romeu. **Álbum histórico de Rio Claro, ou, História do Rio Claro: sua vida, os seus costumes e os seus homens: 1821 – 1827 – 1922**. Rio Claro, SP: Typographia Hennies Irmãos, 1922.
 FERRO, Luso dos Santos. **Palestra sobre o centenário do Gabinete de Leitura Rio-Clarense**. Rio Claro, SP, 1976. 8 p. Anotações do autor.
 GABINETE DE LEITURA RIO-CLARENSE. **Estatutos e regimento interno do Gabinete de Leitura Rio-Clarense**. Rio Claro, SP, 1894.
 GABINETE DE LEITURA RIO-CLARENSE. **Estatutos e regimento interno do Gabinete de Leitura Rio-Clarense**. Rio Claro, SP, 1920.

MUSEU HISTÓRICO E PEDAGÓGICO “AMADOR BUENO DA VEIGA”. **Rio Claro:** sesquicentenária. Rio Claro, SP, 1978.

PENTEADO, Oscar de Arruda. **Rio Claro:** coletânea histórica. Rio Claro, SP, 1977.

7.2 Referências para São Carlos:

DADALTO, Tatiana Casemiro. **A revitalização da Biblioteca Pública Amadeu Amaral na óptica do usuário.** São Carlos. 1977.

O BRASIL na Segunda Guerra Mundial. Disponível em www.historianet.com.br. Acesso em 24/05/2006.

TRUZZI, Oswaldo. **Café e indústria:** São Carlos: 1850-1950. São Carlos: Ed. UFSCar, 2000.

7.3 Referências para Araraquara:

www.ibge.com.br/cidades@/unidades_federacao/araraquara

www.araraquara.sp.gov.br

7.4 Referências para Ibaté:

ALMEIDA, Adão de Jesus de et al. **Um pouco da história de Ibaté.** Ibaté: [s.n, 199-?]. p.15-16.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL COMENDADOR NELLO MORGANTI. **Atividades desenvolvidas pela Biblioteca Pública Municipal Comendador Nello Morganti no ano de 2005.** Ibaté: [s.n], 2005. Não paginado.

BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL COMENDADOR NELLO MORGANTI. **30 anos.** Ibaté: [s.n., 2004 ou 2005]. Não paginado.

HISTÓRIA. Coord. pela Prefeitura Municipal de Ibaté. Disponível em: <<http://www.imate.sp.gov/historia.asp>>. Acesso em 27 maio. 2006.

IBGE. **Estimativa populacional 2005.** Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 27 maio 2006.

MELO, Beatriz Medeiros de. Migração, memória e territorialidade: o trabalhador rural nordestino na Ibaté paulista. In: ENCONTRO NACIONAL DAS MIGRAÇÕES, 4., 2005, São Paulo.

[Anais]. p.07-08. Disponível em:

<<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNaSobreMigracao/SCII-9.pdf>>.

Acesso em: 23 maio 2006.

O RECONHECIMENTO do município a Nello Morganti. **A cidade.** Ibaté, 24 jun. 1987. p.03.